

## POR QUE DEUS DEMORA?

---



"[15] *Jesus sabia que* [muitos judeus] *pretendiam obrigá-lo a ser rei deles* [por causa da multiplicação dos pães e peixes], *de modo que se retirou, sozinho, para o monte.* [16] *Ao entardecer, os discípulos de Jesus desceram à praia,* [17] *entraram no barco e atravessaram o mar em direção a Cafarnaum. Quando escureceu, porém, Jesus ainda não tinha vindo se encontrar com eles.* [18] *Logo, um vento forte veio sobre eles, e o mar ficou muito agitado.* [19] *Depois de remarem cinco ou seis quilômetros, de repente viram Jesus caminhando sobre o mar, em direção ao barco. Ficaram aterrorizados,* [20] *mas ele*

*lhes disse: 'Sou eu! Não tenham medo'.* [21] *Eles o receberam no barco e, logo em seguida, chegaram a seu destino.*" (João 6.15-21 – Nova Versão Transformadora)

De acordo com a física, todos nós vivemos em uma dimensão onde a duração relativa de determinado evento, cria no ser humano a ideia de presente, passado e futuro. É uma grandeza que pode ser medida por horas, minutos, dias, semanas, meses etc. A essa dimensão foi dado o nome de “tempo”. O tempo é o que nos permite identificar e distinguir, dentro de um período contínuo, dois eventos naturais que se sucedem. Em outras palavras, o tempo é a soma do passado, presente e futuro.

Na versão grega do Novo Testamento, há mais de uma palavra para se referir ao termo “tempo”. Há o tempo conhecido como **χρόνος** (*chrónos*), que denota período contínuo quer curto, quer longo. É a raiz da palavra “cronômetro”. Representa o tempo em que todos nós estamos inseridos e do qual não há como se abster. Além dele, há o tempo chamado **ώρα** (*hōra*), que denota uma fração do **χρόνος** (*chrónos*). Representa um ponto no **χρόνος** (*chrónos*) onde determinada ação começa ou termina. Também temos o tempo **καιρός** (*kairós*), que se refere ao momento adequado para determinado propósito. Representa muitas vezes o “tempo de Deus”. Na maioria dos casos, só entendemos o tempo **καιρός** (*kairós*) quando ciclos do nosso tempo **χρόνος** (*chrónos*) se completam. Por fim, há o tempo **αἰών** (*aión*), que representa o período total de vida de uma pessoa. É composto por uma porção contínua e decrescente do **χρόνος** (*chrónos*), e é incapaz de ser computado previamente pelo ser humano. Definido desta forma, nas comemorações de aniversários – por mais paradoxo que pareça – os aniversariantes não comemoram mais um ano de vida, pois, a cada ano completado, eles têm menos um a ser vivido. Mas alheios a isso, a maioria das pessoas comemoram cada ano de vida completado. Como parte de uma tradição milenar, na maioria desses eventos está presente um bolo coberto de velas acesas. Na ocasião, o aniversariante primeiro faz um pedido em silêncio. Em seguida, ele apaga todas as velinhas de uma vez. Existe a crença de que as fumaças das velinhas têm o poder de levar o pedido até Deus, que atenderá a petição quando ninguém, além do aniversariante, souber do que se trata.

Na vida de todos nós há inúmeros pedidos feitos a Deus – não apenas em aniversários, mas em diversas ocasiões – e que foram respondidos por Ele integralmente. Também há pedidos que não foram respondidos, mas que estão bem próximos disso. Contudo, para muitas pessoas, existem petições feitas a Deus que parecem perdidas no tempo e no espaço, sem possibilidade visível de que serão respondidas. São súplicas feitas há tanto tempo e que, por não se cumprirem da forma como esperamos ou gostaríamos, nos fazem, a exemplo do salmista, questionar: “*Até quando, SENHOR, te esquecerás de mim? Será para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto? Até quando terei de lutar com a angústia em minha alma, com a tristeza em meu coração a cada dia?...*” (Salmo 13.1-2a – Nova Versão Transformadora).

Se orações respondidas geram em nós sentimentos de alegria e satisfação, a não resposta delas desenvolve em nós pêsames de tristeza e frustração. Em momentos assim, somos corroídos pela descrença e consumidos pelo esvaecimento da fé. Vivemos como se Deus tivesse mudado de ideia a nosso respeito ou estivesse, de alguma forma, impedido de agir em nosso favor. De qualquer modo, é um sentimento indigesto que provoca em nós uma espécie de “azia espiritual”. Para quem vivencia ou já vivenciou realidade de vida como essa, fica difícil seguir o exemplo do salmista e declarar: “*Por que você está tão abatida, ó minha alma? Por que está tão triste? Espere em Deus!*” (Salmo 42.5 – NVT // cf. 42.11, 43.5). Isso acontece porque, mesmo cientes de que a esperança anda sempre de mãos dadas com a paciência (cf. Romanos 8.24-25), esperar... cansa!

O poeta, contista e cronista brasileiro Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) certa vez escreveu: “*Nossa dor não advém das coisas vividas, mas das coisas que foram sonhadas e não se cumpriram. Sofremos por quê? Porque automaticamente esquecemos o que foi desfrutado e passamos a sofrer pelas nossas projeções irrealizadas.*”. Drummond estava coberto de razão. Por ainda vivermos a realidade futura pedida a Deus, mas idealizada por nós, nos ausentamos de viver o nosso tempo presente e, em razão disso, não obtemos lembranças saudosas quando recordamos o nosso passado, bem como as realizações de Deus em nossa vida durante esse período.

Na passagem bíblica citada inicialmente (vv. 15-18), o Senhor Jesus soube que, por causa da multiplicação que fez de alguns pães e peixes, a multidão que o acompanhava pretendia proclamá-lo rei à força. A intenção da multidão não era a de ter um rei que governasse a sua vida. Ela queria um rei que suprisse suas necessidades básicas e a livrasse do esforço diário em busca de subsistência. Ciente disso, Cristo se retirou sozinho para o monte. Ao anoitecer, os discípulos de Jesus entraram em um barco e com ele retornavam para a cidade de Cafarnaum, de onde vieram. O texto salienta que já era bem tarde da noite e o Senhor Jesus “*ainda não tinha ido até onde eles estavam*”. Em outras palavras, **o Senhor Jesus estava demorando**. No primeiro momento, os discípulos vivenciavam apenas a ausência da presença ativa de Jesus. Mas no segundo momento, além da não presença de Cristo, eles

agora experimentavam a não ausência da adversidade. Em meio à escuridão, um forte vento começou a agitar as águas e, além de Jesus estar ausente, a vida dos discípulos agora corria perigo.

Nos dias atuais, na travessia dos “mares da vida”, muitas vezes experimentamos dias de grande escuridão. São períodos de sombras e trevas que nos impedem de enxergar a outra margem. Como se não fossem o bastante, esses momentos quase sempre vêm acompanhados de grande agitação, que comprometem as nossas estabilidades física, emocional e geram em nós a terrível sensação de que o Senhor Jesus já passou há muito do seu horário. Em momentos assim, diversas dúvidas povoam a nossa mente e agredem o nosso coração. Começamos a nos questionar sobre quando Jesus abrirá caminhos em nossa vida, sobre onde Deus está, e se Ele não se importa com nossas dores e adversidades.

A demora de Deus em nos socorrer, normalmente gera em nós sensações desesperadoras. Nos sentimos abandonados pelo Pai. Parecemos órfãos de Deus. Para piorar, quando ficamos com aquela dúvida se Jesus vem nos ajudar ou não, o Inimigo costuma se aproveitar da situação e nos dizer: “*Ele te esqueceu, te abandonou*”. Na tentativa de parecermos firmes, nós até rebatemos: “*Não! Ele virá!*”, mas o Inimigo retruca: “*Será?*”. Na maioria das vezes, esse “*será*” penetra o mais íntimo do nosso ser e derruba todo o ânimo que porventura haja em nós. Mas o Senhor Jesus virá! Na plenitude do tempo, Ele virá! No momento certo, Ele virá! Mesmo na noite mais escura, Ele virá! Ainda que a força dos ventos seja contrária à nós, Ele virá! Quando tudo falhar, Ele virá! Então, por que o Senhor Jesus não age logo? Por que você ora e não obtém resposta? Por que você lê a Palavra de Deus, mas não vê as verdades bíblicas produzirem efeitos sobre a sua vida? Por que você canta, mas o seu louvor não passa de expressões verborrágicas? Enfim, por que Deus fica com esse jogo de morte psicológica conosco? Se Deus nos ama, **por que Ele demora?** Há pelo menos três razões para a aparente demora de Deus.

Em primeiro lugar, **Deus demora para nos ensinar que Ele é livre para agir**. Deus não está preso ao tempo ὥρα (*hōra*). No pulso de Deus não há relógio. Deus não se move por causa do nosso tempo χρόνος (*chrónos*). Deus atua no tempo καιρός (*kairós*). O problema é que só percebemos isso quando no nosso tempo χρόνος (*chrónos*) se alinha com o tempo καιρός (*kairós*) de Deus. Portanto, muitas vezes Deus se atrasa para mostrar que **Ele é soberano e totalmente livre para agir quando bem Lhe aprouver, independentemente das nossas necessidades ou circunstâncias. Ele nunca se tornará refém dos nossos desejos e muito menos se condicionará às nossas expectativas, por mais vitais que eles sejam**. Em outras palavras, Deus é totalmente livre inclusive para não agir de acordo com a minha vontade. Afinal, o Deus é Ele. Ignorar esse fato é atitude completamente irracional e equivocada. Além disso, **em nossa vida existem passado, presente e futuro. Nossa existência está ligada ao ontem, hoje e amanhã. Mas Deus não está preso a isso. Ele é eterno. Diferentemente de todos nós, Deus não possui cronômetros ou calendários. Sendo assim, importa que estejamos confiantes e subordinados à vontade de Deus em nossa vida**.

No contexto geral da passagem bíblica, é possível extrair a ideia de que o Senhor Jesus tivesse em mente as seguintes palavras: *“Não importa como vou agir, não importa quando vou agir; quero que vocês aprendam que o importante é que eu vou agir!”*. Quem espera por Deus será sempre surpreendido. Infelizmente, ao longo do tempo, criamos em nosso entorno a “teologia do condicionamento de Deus”. O texto bíblico nos informa que na beira da praia havia um barco. Com certeza os discípulos acreditavam que o Senhor Jesus faria uso dele para alcançá-los. Isso era bem óbvio. Em nenhum momento eles imaginaram que Cristo, contrário à lógica, viria até eles andando sobre as águas. Da mesma forma, é errado pensarmos que Deus agirá apenas de modo natural, previsível. Não podemos ser míopes na maneira como enxergamos o modo de agir de Deus. **Todos nós interpretamos Deus a partir da realidade em que vivemos. Mas não podemos condicionar Deus à nossa frágil e limitada capacidade de compreendê-Lo. Todo esforço humano em prever quando ou como Deus agirá, não passa de uma tentativa inútil de apequenar Deus e despi-Lo de Sua deidade.**

Em segundo lugar, **Deus demora para nos ensinar na prática o significado da palavra “esperança”**. De acordo com o texto bíblico (v. 17), os discípulos de Jesus *“entraram no barco e atravessaram o mar em direção a Cafarnaum. Quando escureceu, porém, Jesus ainda não tinha vindo se encontrar com eles”*. Jesus estava atrasado. A situação dos discípulos era bem ruim. Não havia nenhum grau de certeza de que eles seriam socorridos. Portanto, só restava uma coisa a se fazer: ter esperança de que algo favorável a eles aconteceria. O termo “esperança”, do grego ἐλπίς (*elpís*), expressa a ideia de uma *“expectativa favorável e confiante”*. Contudo, essa expectativa favorável só toma corpo quando temos aquela sensação de atraso. A esperança é o lado psicológico da fé.

Fé e esperança caminham sempre juntas. O problema é que nós até confiamos em Deus, mas algo em nosso interior nos impulsiona a fazer tudo sozinhos. Os discípulos (v. 19) acreditavam que ninguém agiria em favor deles. Por isso, tentaram por si mesmos resolver as coisas. Diz o texto que eles remaram *“cinco ou seis quilômetros”*. Mas todo esse trabalho para se salvarem se mostrou inútil, uma vez que o mar tem cerca de vinte quilômetros de extensão. Faltava, então, remar mais três vezes a extensão já percorrida. Do mesmo modo, nós temos o hábito de afirmar que cremos que Deus está agindo, mas quando olhamos para a margem, vemos o barco vazio. Então deduzimos que o barco está assim porque o Senhor Jesus não se moveu; e uma vez que Ele não se moveu, acreditamos que compete a nós mesmo nos salvar. Por conta disso, muitas vezes passamos a lutar as guerras de Deus e deixamos de travar as nossas próprias batalhas. Como resultado, colhemos apenas cansaço, frustração e desnecessário desgaste de energia.

Em terceiro lugar, **Deus demora para nos ensinar que o tempo está em Suas mãos e, quando Ele chegar, toda sensação de atraso será suprida**. Diz o texto (v. 21) que os discípulos receberam o Senhor Jesus no barco e *“logo em seguida, chegaram a seu destino”*. Quando Deus

assume o controle da nossa vida, em pouco tempo alcançamos o destino desejado. É preciso que se entenda que, o importante para Deus, é que você chegue onde Ele quer que você chegue. O tempo, o meio, a forma... não interessa.

Para finalizarmos, o evangelista Marcos, ao descrever esse mesmo episódio narrado por João, acrescenta um detalhe importante. Segundo ele, Jesus “*viu que [os discípulos] estavam em apuros [cansados de remar], remando com força e lutando contra o vento e as ondas. Por volta das três da madrugada, Jesus foi até eles [foi ao encontro deles] caminhando sobre o mar. Sua intenção era passar por eles [passar adiante deles], ...*” (Marcos 6.48 – NVT). Não raramente, o estado de desgaste dos discípulos é bem semelhante ao que experimentamos.

Muitos de nós estão cansados. Talvez não fisicamente. Mas cansados de remar, de lutar, de orar e até mesmo de viver... O Senhor Jesus enxerga o nosso estado, a nossa condição. Ele conhece os nossos limites e sofrimentos. Por isso Jesus busca sempre novos encontros conosco. Ele quer tomar a frente dos nossos caminhos, da nossa vida e dos nossos projetos. Ele quer nos guiar no tempo dEle. Por causa do nosso αἰών (*aión*), nos esforçamos para manipular o χρόνος (*chrónos*), com o intuito de alterar o καιρός (*kairós*) de Deus, como se tivéssemos o poder de influir na soberania divina. Deus quer que descansemos em Sua presença e permitamos a Ele ser Deus em nossa vida. O desejo de Jesus é que cheguemos, juntamente com Ele, no lugar que Ele quer que nós estejamos. Sendo assim, peça para que Deus assuma o controle da sua vida e te conduza sempre ao destino que Ele projetou para você.

*Soli Deo Gloria.*